

APRESENTAÇÃO

A revista *Pontos de Interrogação*, neste volume 2, n. 1, dedicado à produção de autoria feminina, teve como meta mapear ou reunir trabalhos que traduzissem uma mostra desta produção, refletindo sobre sua dinâmica na arena cultural. Neste sentido, os textos selecionados – dezessete artigos, uma resenha e duas entrevistas - revelam diversos locais de fala, modos de produção que inclusive refletem sobre a própria produção feminina e a questão mesmo da autoria. São textos críticos culturais que revelam a incursão feminina na prosa, na poesia, na imprensa, na organização e linha de frente desta produção, apontando os embates, tensões intertextuais nas malhas da linguagem, esta que, como poder gregário, tanto pode implicar reprodução quanto produção e reversões da cena cultural.

Estas tensões, configuradas ainda em interdições culturais, são enfrentadas ou burladas através de várias estratégias textuais: o manuseio transgressor da narrativa, a criação de personagens múltiplas, além de pseudônimos. As lutas discursivas destacadas rompem com uma série de violências, entre elas o sexismo, a privação da mulher ao espaço privado, a falsa igualdade e democracia, o veto ao estudo, a dificuldade de produção e circulação de suas obras circularem, além de normas e cânone artístico-literário que ainda prescrevem quem e sobre o que se deve escrever/criar.

Em meio a esta teia que permanentemente quer aprisionar, os textos aqui reunidos revelam o destecer da mesma, nos seus diversos graus e circunstâncias, convergentes e divergentes. Assim, as mulheres destecem ou retecem esse tecido cultural discutindo temas caros para as mesmas, não muito vistos na enunciação feminina, bem como abordando temáticas para elas impostas, revisando estas imposições, através de um outro foco. Neste processo, o feminismo emerge como um movimento que respalda e reforça esta luta pela autonomia feminina, por uma produção que, ciente das submissões, das construções que interdita o feminino, reivindique seu lugar no campo da produção, sua inclusão, garantindo a mulheres o direito de se ter direitos.



Este retecer se mostra, como já assinalamos, múltiplo, diversificado e circunstanciado. Os diálogos e intersecções fazem parte tanto do movimento da escritura das(os) críticas(os) culturais que aqui agrupamos, com seus diversos focos, como, - percebemos isto pelo olhar destas/destes - das estratégias de sobrevivências das autoras. As construções discursivas engendrando o sujeito mulher são entrelaçadas, por exemplo, não só às lutas feministas, bem como às construções de raça, de classe, ao pós-colonialismo e ao Movimento Negro. A produção de autoria feminina emerge, neste momento, de um lugar intervalar, dissidente, produzindo outras zonas de fronteira, outras mulheres, trazendo à cena outras exclusões e violências, outras lutas, ampliando principalmente o olhar feminista e a produção e intervenção de mulheres.

Nessa intervenção, é importante destacar que o que mais chama a atenção é a produção subjetiva que os textos, as produtoras/escritoras e os seus críticos-mediadores-leitores encenam. A reflexão sobre a produção da identidade e sexualidade, inclusive em contexto pós-moderno, é feita, mas principalmente se ressalta a produção da singularidade, através da apropriação dos meios de produção, da auto-representação, ou melhor, da auto-reinvenção, do trabalho com a linguagem, da marca deixada para o leitor e principalmente a leitora, ressignificar, enfim, através das estratégias usadas por essas mulheres para construírem seus textos, desconstruindo con-textos que aprisionam o sujeito feminino ao lugar do silêncio e à sombra dos estudos críticos-literários. Nesta escritura heterogênea e produção subjetivo-cultural-singular a alteridade é debatida, assim como a relação entre arte e vida, indicando, entre tantas táticas já destacadas, a do feminicídio e da desconstrução dos sentidos instituídos, como forma de se abrir caminhos para outras mulheres, formas diferentes também de representação da alteridade e necessárias para uma autocrítica da produção de autoria feminina.

Se todos os textos aqui mobilizados perpassam essas trilhas já traçadas, merecem também destaque as duas entrevistas que integram este conjunto, visto que com elas, ao contrário dos artigos, temos uma maior reflexão a respeito da produção feminina e sua inserção no mercado. Dessa forma, se com a primeira entrevista temos o ponto de vista da escritora cubana – Mirta Yañez – (também professora acadêmica e crítica-ensaísta), com a segunda temos o foco da editora brasileira – Zahidé Muzart - (também professora acadêmica, pesquisadora e crítica), partilhando conosco os percursos e percalços desta produção feminina na cadeia produtiva, através do trabalho da Editora Mulheres, fruto de sua coordenação e também criação.

Com a primeira, portanto, a imagem vasta da produção, ou seja, a reafirmação de que as mulheres produzem. Com o seu depoimento também ficamos sabendo um pouco sobre sua formação, a circulação de suas produções literárias e críticas/ensaísticas, o processo de criação, os gêneros e temas preferidos, a reflexão sobre produção de autoria feminina, enfim a experiência da produção literária de uma mulher cubana, englobando a leitura e a escrita desta, os impasses impostos pelas autoridades editoriais, assim como as dificuldades de acesso a textos provenientes de outros países.

Com a segunda, ficamos sabendo como e por que a Editoras Mulheres foi criada no Brasil, quais suas dificuldades, estratégias e conquistas, assim como, a partir da organização desta, Muzart avalia sua inserção no mercado editorial, a participação da produção de autoria feminina na cadeia produtiva e o apoio de políticas públicas e de instituições nesta dinâmica. Além disso, fica claro no seu depoimento, não só as demandas ainda presentes, mas a importância do trabalho que desenvolve na rasura de uma tradição literária/cultural/mercadológica.

Com estas entrevistas e os demais textos que formam este volume da revista *Pontos de Interrogação* estamos, de forma cooperativa, ajudando a visualizar e encenar este mercado cultural alternativo teatralizado pelo movimento das produções destas mulheres. Produções/movimentos marcados, como fazem transparecer seus críticos e críticas culturais, pelos deslocamentos frente a um cânone disseminado, a um mercado hegemônico, a uma cultura patriarcal, etnocêntrica e heteronormativa. As reflexões aqui agrupadas, portanto, nos levam a pensar em outros modos de produção artístico-literária, econômica, subjetiva, científica, cultural. Daí a importância destas produções, de sua circulação e de sua leitura sob a ótica da crítica cultural.

Nessa linha, podemos ainda dizer que a imagem textual que a *Pontos de Interrogação* ora apresenta aponta para um desrecalcamento da produção de autoria feminina. Nessa sintonia, recebemos uma grande quantidade de textos e aproveitamos para agradecer a contribuição das/dos nossas/nossos colaboradoras/colaboradores que, de diversas instituições como a U-NEB, UFMG, UFBA, UFCG, Universidade Paris 8, PUC-RS, UFSJ, UEL, UFSC, UFC, U-ERN, PUC-MG, entre outras, constituíram este volume 2, n.1, da revista do Programa do Programa de Pós-Graduação em Crítica cultural. Textos, enfim, que tratam de produções de mulheres de diversos lugares, de diversas épocas e contextos, confirmando que estas são produtoras, que estas sempre tiveram e têm, sim, o que dizer, e que, portanto, precisam ser ouvi-

das-lidas. São mulheres escritoras/editoras/produtoras, de ontem e de hoje, fazendo ecoar outras vozes, uma reescrita feminista, já ampliada na dobradura sobre si mesma, que implica em uma crítica da cultura, inclusive dos modos de produção, entre eles o modo de fazer-conceber a arte, a literatura.

*Jailma dos Santos Pedreira Moreira*¹

¹ Prof.^a Dr.^a do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Crítica Cultural – da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)-Campus II.